



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

ANA MARGARET SILVA SIMÕES

**PADRÃO DE COMPETITIVIDADE NA MICRORREGIÃO DE JUAZEIRO NA
DÉCADA DE 90 – fruticultura e agroindústria**

**Salvador
1999**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

ANA MARGARET SILVA SIMÕES

**PADRÃO DE COMPETITIVIDADE NA MICRORREGIÃO DE JUAZEIRO NA
DÉCADA DE 90 – fruticultura e agroindústria**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de graduação em Economia da
Universidade Federal da Bahia como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Economia.

Orientador: Prof. Bouzid Izerrougene

**Salvador
1999**

“SUCESSO

RIR MUITO E COM FREQUÊNCIA; GANHAR O RESPEITO DAS PESSOAS INTELIGENTES E O AFETO DE CRIANÇAS; MERECER A CONSIDERAÇÃO DE CRÍTICOS HONESTOS E SUPORTAR A TRAIÇÃO DE FALSOS AMIGOS; APRECIAR A BELEZA, ENCONTRAR O MELHOR NOS OUTROS; DEIXAR O MUNDO MELHOR, SEJA POR UMA SAUDÁVEL CRIANÇA, UM CANTEIRO DE JARDIM OU UMA REDIMIDA CONDIÇÃO SOCIAL; SABER QUE AO MENOS UMA VIDA RESPIROU MAIS FÁCIL PORQUE VOCÊ VIVEU. ISSO É TER TIDO SUCESSO.”

RALPH WALDO EMERSON

Dedico este trabalho à minha mãe, ANITA LOPES DA SILVA, exemplo de amor, dedicação e amizade. Pessoa que sempre me incentivou a buscar a realização dos meus projetos. Pessoa que, nos momentos mais difíceis, procurou mostrar-me que, para qualquer situação, sempre existe uma saída. O ser humano mais maravilhoso do mundo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à DEUS

... por Ter-me dado força e coragem para persistir chegar até aqui e ir além

À minha mãe

... pelo carinho, sacrifício, dedicação e paciência

À minha família, especialmente Elaine, Aline, Eliana e Cláudio

... pelo incentivo e paciência

Aos amigos Ana Georgina, Júnior, Carmelito, Sandra e George

... pelo apoio técnico e moral

Aos colegas de trabalho Marineide e Kátia

... pela compreensão e ajuda

Aos professores Vitor de Athayde, Bouzid e Paulo Henrique

... pelas sugestões

Aos funcionários da Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA,
especialmente Lina, Joana, Waldinéia, Washington, Ivan, Anita, Dalva, Helena e
Suelene

... pela boa vontade e profissionalismo

Enfim, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu
concluísse o curso de Economia.

MUITO OBRIGADA!

RESUMO

Este estudo pretende investigar alguns aspectos importantes que afirmem Juazeiro como uma microrregião promissora, calcada no desenvolvimento do seu pólo frutícola. Para tanto, são abordados no capítulo 2 os recentes incrementos ocorridos na microrregião, dando ênfase à produção e ao desempenho das exportações, principalmente de frutas, como manga, uva e melão, que vêm apresentando crescentes melhorias na qualidade. São abordados também os principais incrementos ocorridos em termos de área plantada e os principais programas e projetos que beneficiaram, direta ou indiretamente, a microrregião.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	VERIFICAÇÃO DOS RECENTES INCREMENTOS OCORRIDOS NA MICRORRÉGIAO DE JUAZEIRO	09
2.1	PRODUÇÃO/EXPORTAÇÃO	10
2.2	IRRIGAÇÃO/PROGRAMAS/PROJETOS	22
3	POSSIBILIDADES DE EXPANSÃO EM BASES COMPETITIVAS	30
3.1	CAPACIDADE DE EXPANSÃO	31
3.2	ADEQUAÇÃO AO PADRÃO INTERNACIONAL	38
3.3	EXISTEM “GARGALOS” – MAS PODEM SER ELIMINADOS	41
	CONCLUSÃO	46
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
	ANEXO	53

1 INTRODUÇÃO

O crescimento do consumo de frutas *in natura*, sucos, geléias, etc., é comprovado por diversos estudos feitos por órgãos especializados na área frutícola (IBRAF, FAO, CODEVASF, VALEXPORT, etc). Esse crescimento tem ocorrido em níveis cada vez mais elevados, no decorrer da década de 90.

Nos primeiros cinco anos dessa década, o consumo mundial de frutas explodiu. A demanda, mesmo num mercado fechado como a União Européia, cresceu a uma taxa média de 22% ao ano, de acordo com dados da Organização Mundial do Comércio. E, segundo previsão da FAO, continua crescendo a taxas de 5% ao ano no mundo. (Estamos, 12/03/97, p. 29).

Estima-se que o mercado de frutas e sucos tropicais vem crescendo a taxas entre 10% a 15% ao ano, nessa década (Fruticultura, 12/05/99, p. 1).

Um exemplo claro, que demonstra o crescimento no consumo de frutas é o desenvolvimento do Chile, apoiado basicamente sobre as exportações de frutas. Mesmo se tratando de um país com uma extensão de área agricultável muito menor que o Brasil, consegue resultados, em termos de valor e volume das exportações de frutas, bem mais significativos. Os produtores chilenos estão sabendo aproveitar o crescimento do consumo mundial no mercado de frutas e derivados.

Existem diversas justificativas para esse crescimento do consumo mundial de frutas e derivados. Uma delas é que o constante decréscimo na taxa de natalidade, desde os anos 70, fez com que a pirâmide etária, principalmente em países da Europa e da América do Norte, mudasse a sua forma. A população com mais idade passa a ter uma maior preocupação com a saúde e, por extensão, com a alimentação.

As frutas vêm sendo utilizadas mundialmente para os mais diversos fins, principalmente quando o assunto envolve saúde e beleza. *In natura* ou misturadas, são utilizadas em bebidas alcoólicas e não alcoólicas, iogurtes, sorvetes, biscoitos, doces, produtos achocolatados, farmacêuticos e cosméticos.

Outras atribuem o crescimento do consumo de frutas à recente abertura comercial e à crescente desregulamentação dos mercados, provocadas pelo fenômeno da globalização.

O fato é que esse crescimento é real e o mercado de frutas e derivados está cada vez mais amplo, não apenas para o consumo de frutas tradicionais, mas também para a aceitação de novas variedades, inclusive exóticos.

A Bahia, por seu potencial agrícola – vasta extensão de terras, mão-de-obra abundante, solos propícios e pouco desgastados, uma infra-estrutura de portos e estradas razoavelmente boa -, tem oportunidade de participar desse mercado mundial, e tem demonstrado isso, se bem que de modo ainda muito tímido, a partir do desenvolvimento da produção e aumento da exportação em duas regiões – Baixo Médio São Francisco e Oeste, além de algumas áreas de produção de menor porte espalhadas por todo o Estado.

A microrregião de Juazeiro, formada por Juazeiro, Pilão Arcado, Remanso, Casa Nova, Campo Alegre de Lourdes, Curaçá, Santo Sé e Sobradinho, tem-se destacado como a mais promissora e competitiva, contando com a implantação recente de várias unidades processadoras - os chamados *packing house* (espaço montado com equipamentos especiais para tratamento pós-colheita e embalagem das frutas). Entre elas, estão a Frutivale, que processa manga, uva, tangerina, limão, etc.; a Agrovale, que processa cana-de-açúcar e manga; Frutinator, Nova Fronteira Agrícola e Curaçá Agrícola, que processam manga; e Logus Boutiaque, CAJ (Cooperativa Agrícola de Juazeiro) e Agropecuária Labrunier, que processam uva. Essas empresas produzem em bases industriais modernas, com características específicas de produção e estratégias de desenvolvimento.

A microrregião apresenta grande vantagem na produção de frutas pelo seu clima, responsável pela baixa incidência de doenças e alta produtividade e qualidade das frutas.

As vantagens da sua localização são muitas. Dentre elas, estão a proximidade do Porto de Salvador, que conta com uma ótima infra-estrutura para receber produtos perecíveis, desde a união de duas empresas de embarcação - Brazilian Grapes e Marketing Board - que dispõem de um *packing house* onde as frutas são embaladas.

A Companhia de Docas do Estado da Bahia (CODEBA) inaugurou no mês de outubro deste ano uma linha de navios refrigerados, os chamados “reefers”, para a Europa. A linha será semanal e vai escoar regularmente a atual safra de frutas da região de Juazeiro e Petrolina. A alternativa anterior eram embarques em contêineres refrigerados, com três partidas ao mês. (Frutas, 16-17/10/99, p. 3).

Além destas melhorias referentes ao transporte marítimo, houve a ampliação, em agosto deste ano, do aeroporto de Petrolina, o que permitirá a decolagem com o tanque de combustível cheio, evitando escalas para reabastecer. Segundo o prefeito de Petrolina - Guilherme Coelho, os produtos que levam treze dias para chegar na Europa (através de transporte terrestre e marítimo), agora levarão nove horas. (Aeroporto, 08/06/99, p. B-20).

A microrregião de Juazeiro conta com uma produção baseada na agricultura irrigada - pelo menos uma parte considerável, desenvolvida com recursos públicos e privados, que superam em boa parte um dos maiores problemas da região semi-árida, que é o baixíssimo nível pluviométrico.

As estratégias de desenvolvimento levam os produtores e empresários da região a investir em tecnologia moderna, comparada à dos melhores pólos do mundo.

Um estudo recente da SEI (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia), sobre ao desenvolvimento tecnológico no setor, afirma que a microrregião de Juazeiro, entre os anos de 85 a 95/96, foi uma das que mais utilizou melhorias técnicas, relativamente as

demais regiões produtoras do Estado, e que teve a menor queda no nível de investimentos. (Pimenta e Reis, 1998, p. 18-23).

A produção de frutas e derivados na região, principalmente a produção de uva de mesa e uva para vinho, melão, manga e, em menor volume, mamão papaia, melancia, maracujá, acerola etc., é considerada de alta qualidade, voltada principalmente para a exportação e também para atender a demanda do Sul do país, onde a exigência quanto ao nível de qualidade é maior.

As frutas *in natura*, como a manga e a uva, já não encontram quase nenhuma barreira nos mercados europeu e norte-americano (os mais exigentes), e outras frutas já estão bem próximas de obter o padrão de qualidade exigido por esses dois mercados, como o melão, a maçã e a lima-ácida, sendo que já são exportadas para outros países como Japão, Rússia e Israel.

A produção de sucos, geléias e doces também cresce e conquista mercados, porém não é suficientemente forte, em termos quantitativos, para ocupar uma maior parcela do mercado mundial. (Frutas, 1996).

Um estudo, feito pela SEI, revela que o segmento frutícola apresentou excelente desempenho exportador em 1996. “As perspectivas para o setor agroindustrial são as melhores possíveis diante do grande potencial da fruticultura irrigada”. (Os novos, nº 33, fev./97, p. 4).

Contudo, as dificuldades de desenvolvimento para o setor ainda são muitas. Esse tipo de atividade exige um grande cuidado, especialmente na colheita, embalagem, conservação, transporte e cuidados no trato para que se cumpram as exigências fitossanitárias.

Além disso, existe o chamado Custo Brasil, sempre presente. Segundo reportagem da revista Exame (12/03/97), para manejar um contêiner de frutas em Valparaíso, no Chile, paga-se US\$ 7, no porto de Salvador, segundo informações da CODEBA, está mesma operação custa US\$

20,7¹. Com tributos, os fruticultores brasileiros têm um custo 20% superior ao dos produtores do Mercosul e 12% acima de outras regiões. (Estamos, 12/03/97, p.29).

A iniciativa pública, mesmo estando presente através dos diversos programas e projetos que há muito tempo vêm beneficiando a Região, ainda tem deixado a desejar, principalmente observa-se que existem velhos problemas que necessitam de ação pública. Esses problemas vão desde financiamento para a produção, melhoria e construção de vias de escoamento, melhoria nas condições de armazenamento dos portos, até problemas de política macroeconômica, como mudança na taxa cambial, que influi diretamente nas relações de troca entre os países.

Um claro exemplo da influência direta da política econômica do governo na relação importação/exportação foi a política adotada pelo governo Fernando Henrique Cardoso que insistiu por um longo período em sobrevalorizar o Real em relação ao Dólar, prejudicando as exportações.

Contudo, nessa década, os governos (Federal, Estadual e municipal) passaram a se preocupar mais com o desenvolvimento do Nordeste de forma sustentável. No que se convencionou chamar “Iniciativa pelo Nordeste”, busca-se um plano de ação estratégica que envolva responsabilidades compartilhadas entre governo, entidades de classe, empresários, instituições financeiras, etc. Nesse âmbito, elaborou-se um diagnóstico das principais atividades potenciais que possam levar o Nordeste à integração econômica. Foram identificadas quatorze atividades nos setores industriais, agrícolas e de serviços com características de desenvolvimento competitivo. As principais foram: informática, grãos, **fruticultura** e turismo que, por seu potencial de competitividade e por atender ao interesse simultâneo do maior número de Estados da região, foram escolhidas para serem o objeto de ação imediata na primeira etapa de implantação do projeto. (Os “clusters”, 15/09/98, p.8).

¹ Manejo foi classificado pela CODEBA como sendo a chegada do contêiner no porto e seu embarque no navio.

Juazeiro está entre as regiões com melhores possibilidades, graças ao desenvolvimento da fruticultura irrigada. É uma das principais regiões a beneficiar-se das estratégias de desenvolvimento lançadas para o Nordeste.

Este estudo pretende investigar alguns aspectos importantes que afirmem Juazeiro como uma microrregião promissora, calcada no desenvolvimento do seu pólo frutícola. Para tanto, são abordados no capítulo 2 os recentes incrementos ocorridos na microrregião, dando ênfase à produção e ao desempenho das exportações, principalmente de frutas, como manga, uva e melão, que vêm apresentando crescentes melhorias na qualidade. São abordados também os principais incrementos ocorridos em termos de área plantada e os principais programas e projetos que beneficiaram, direta ou indiretamente, a microrregião.

No terceiro capítulo, são apresentadas as possibilidades de expansão competitiva que a microrregião tem demonstrado possuir, a partir da análise das vantagens edafoclimáticas, das estratégias aplicadas para expandir a produção e, principalmente, as exportações e os novos investimentos realizados. São apresentadas também as questões relativas à adequação ao padrão internacional e as tecnologias aplicadas. Ainda nesse capítulo, são apresentadas as principais dificuldades para o setor e as possíveis soluções.

Finalmente, na conclusão do trabalho, são apresentadas as perspectivas dessa região, a partir dos resultados das investigações dos capítulos anteriores.

2 VERIFICAÇÃO DOS RECENTES INCREMENTOS OCORRIDOS NA MICRORREGIÃO DE JUAZEIRO

A microrregião de Juazeiro, como parte de uma região maior – Sub Médio São Francisco, é uma das principais componentes do segundo maior pólo frutícola do Brasil, a outra parte é Petrolina. Ela tem participação nos incrementos traçados para toda uma região, tanto os públicos, de esfera federal e/ou estadual, quanto os de iniciativa privada. É uma região que tem seu desenvolvimento baseado na fruticultura irrigada, que vem crescendo nos últimos anos.

O desenvolvimento de culturas que, até pouco tempo, julgava-se impossível existir numa região semi-árida (uva, por exemplo), hoje é notável em qualidade e quantidade. Para que a região de Juazeiro chegasse a se o oásis que é hoje, principal produtora de frutas do Estado e uma das regiões com melhor potencial para a exportação, foram (e são) necessários diversos incrementos em todos os níveis que envolvem o processo agrícola, desde a decisão do que plantar e como plantar até a chegada do produto ao consumidor final.

Foram necessários incrementos no que se refere às técnicas de produção - melhor variedade para plantar, melhor época para colher; no que diz respeito às exigências do consumidor - aparência, sabor e variedade de uma fruta; na ampliação da área irrigada, nos incentivos à implantação de unidades processadoras, enfim, incrementos que elevaram a área plantada, o volume de produção e comercialização.

Neste capítulo, busca-se verificar os incrementos ocorridos no setor frutícola da região de Juazeiro nessa última década. Para tanto, é feita uma análise da produção e exportação das principais frutas da região (manga, uva e melão). É abordada a questão da irrigação como um fator decisivo no desenvolvimento competitivo da fruticultura na região. São abordados

também os principais programas e projetos desenvolvidos em parceria pela iniciativa pública e privada.

No entanto, vale deixar claro, desde já, que os programas e projetos apresentados neste capítulo, em sua maioria, não são exclusivos para a microrregião de Juazeiro, são de caráter abrangente e buscam incentivar o desenvolvimento da fruticultura irrigada na Região Nordeste e/ou no Pólo Frutícola de Juazeiro/Petrolina. Contudo, direta ou indiretamente, Juazeiro se beneficia de todos eles (e é só por isso que esses programas e projetos são apresentados neste trabalho). É a partir da participação em programas e projetos de irrigação de caráter abrangente que a microrregião de Juazeiro apresenta hoje a vantagem de estar inserida numa ampla área irrigada. Em consequência disso, também é hoje o maior município agrícola do Estado e uma das regiões mais atraentes do mundo para a produção de frutas.

2.1 PRODUÇÃO/EXPORTAÇÃO

No setor agroindustrial baiano o crescimento da produção e das exportações se manteve vegetativo do ano de 1985 até o ano de 1994. Segundo Carvalho Jr. (set./1998), o crescimento da agropecuária foi de 0,8% a. a. , de 1995 a 1997, e nos últimos anos a taxa passou para 2,2%. A região de Juazeiro foi uma das que mais cresceu, respondendo por 5,51% do VBP (Valor Bruto da Produção) das atividades agropecuárias do Estado, e esse crescimento foi puxado pela fruticultura.

O crescimento das exportações de derivados, contudo, vem ocorrendo numa proporção menor que a de frutas *in natura*. Um estudo da SEAGRI revelou a composição das exportações de frutas e derivados do Brasil, que é o maior exportador de sucos de frutas, cujos principais produtores, por ordem de importância, são Sudeste e Nordeste, ressaltando que a laranja produzida no Estado de São Paulo foi, sozinha, responsável por 80% da participação do Sudeste. (Frutas, 1996).

A região do Baixo Médio São Francisco é considerada como a de maior potencial do Estado, no que se refere à fruticultura. “O Baixo Médio São Francisco é considerado a região mais modernizada e diversificada do Estado da Bahia. A produção de frutas é obtida com um padrão de qualidade ao nível das exigências internacionais.” (Fruticultura, out./1996).

Uma das regiões de maior destaque no Baixo Médio São Francisco é a microrregião de Juazeiro, participante do bipólo Juazeiro/Petrolina, cujo o forte ainda é a produção para exportação de frutas *in natura*, especialmente uva, manga e melão, mas tem tido uma boa participação na exportação de derivados, principalmente sucos e polpas de frutas. As vendas mundiais de sucos de frutas cresceram 400% de 1991 a 98. No ano de 1997 o faturamento no Brasil ficou em torno de US\$ 100 milhões. (Frutas, 20/08/98, p. B-23), e Juazeiro tem participação nesse montante.

O segmento frutas, apesar de, em termos de exportações, não estar entre os principais segmentos com crescimento expressivo, no ano de 1998 voltou a registrar desempenho positivo, depois de sofrer quedas constantes no ano de 1997.

O coordenador da Câmara Estadual dos Frutos (CEF), John Khoury, estima que, anualmente, o município de Juazeiro movimenta em média R\$ 1,5 bilhão apenas com a hortifruticultura e que a região responde por dois terços da produção de frutas de todo Estado. (Mercado, 12/05/98, p. 1).

Em termos de volume de produção e exportação, as frutas mais importantes na região são a uva, a manga e o melão.

A manga ocupa uma área plantada de 12 mil hectares, apenas em Juazeiro. No ano de 1995, a região do Vale do São Francisco entre Bahia e Pernambuco, registrou recorde na produção de mangas, com 300 mil toneladas. Deve-se levar em conta que em 1995 fazia apenas três anos que a produção de mangas vinha sendo desenvolvida em larga escala e, segundo cálculos do CAJ (Cooperativa Agrícola de Juazeiro da Bahia), os oito mil hectares cultivados na região correspondiam aproximadamente a 55% da produção nacional (Produtor, 04-07/10/96, p. B-15).

No período de janeiro a setembro de 1996, as mangas produzidas na Bahia tiveram como destino vários países do mundo, sendo que 81% delas foram adquiridas pelos Países Baixos, e 13% pelos Estados Unidos. Os demais importadores foram, por ordem de importância: Reino Unido, França, Espanha, Portugal e Uruguai. (Frutas, 1996). Internamente, boa parte da produção vai para Porto Alegre.

A produção de manga na Bahia tem crescido mais que a média brasileira. Quanto à produtividade, na região de Juazeiro e em todo Baixo Médio São Francisco, está aquém da estadual e do país. Segundo especialistas, a justificativa para isso é que a maioria dos pomares ainda não alcançaram a maturidade de sua produção. De toda produção obtida no município de Juazeiro, 90% é exportada e os 10% que ficam são processados e vendidos na própria região.²

São apresentadas abaixo duas tabelas que mostram, respectivamente, a evolução da área colhida e produção de manga na microrregião de Juazeiro e na Bahia como um todo, no período de 1990/96³.

Comparando as tabelas 1 e 2, verifica-se que, em 1990, a área colhida com manga na região de Juazeiro correspondia a 17,30% da área total colhida no Estado. Já no ano de 1996, a área de Juazeiro passou a corresponder a 53,87% da área total plantada com manga no Estado.

Observando, no entanto, a produção, verifica-se que, em 1990, a participação de Juazeiro correspondia a 6,84% do total da produção do Estado e, em 1996, passou a 32,59%. É importante ressaltar que nesse período o tamanho da área colhida cresceu 4,5 vezes, enquanto que a produção cresceu 9 vezes, no mesmo período, o que demonstra um aumento significativo na produtividade.

TABELA Nº 1

MANGA
Área colhida e produção na Microrregião de Juazeiro⁴ - 1990-96

² Informação conseguida através de entrevista com o Secretário da Agricultura de Juazeiro, Sr. Moacir Luciano Ferraz, feita nos dias 11 e 12/11/1999.

³ Informações conseguidas na SEAGRI (Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária do Estado da Bahia), onde informaram que a Secretaria ainda não dispõe desses dados para a manga referentes aos anos de 1997 a 99 para a microrregião de Juazeiro. Para o Estado da Bahia, os dados não estão disponíveis apenas para os anos de 1998 e 99.

⁴ Estão incluídos, como participantes da Microrregião de Juazeiro, os seguintes municípios: Juazeiro, Remanso, Pilão Arcado, Casa Nova, Sento Sé, Campo Alegre de Lourdes, Curaça e Sobradinho.

Ano	Área colhida (ha)	Produção (em mil frutos)
1990	527	7.760
1991	604	8.753
1992	1.510	20.267
1993	3.030	43.434
1994	3.741	53.508
1995	4.097	58.304
1996	4.751	67.536

Fonte: IBGE/PAM - Produção Agrícola Municipal

Elaboração: SPA/Coordenação de Conjuntura Agrícola - SEAGRI-BA

Um dos destaques de produção na região vai para a uva. A uva produzida em Juazeiro, como em todo Baixo Médio São Francisco, tem um rendimento de 29t/ha, enquanto a média nacional fica em torno de 13t/ha, e isso só é conseguido em perímetros irrigados. Essa região é responsável por 97% da produção estadual. (Frutas, 1996).

TABELA Nº 2

MANGA		
Área colhida e produção no Estado da Bahia - 1990-96		
Ano	Área colhida (ha)	Produção (em mil frutos)

1990	3.046	113.378
1991	3.105	114.593
1992	4.329	142.120
1993	6.087	137.245
1994	7.342	166.480
1995	7.709	187.717
1996	8.820	207.255

Fonte: IBGE/PAM - Produção Agrícola Municipal

Elaboração: SPA/Coordenação de Conjuntura Agrícola - SEAGRI-BA

Segundo informações do Secretário da Agricultura de Juazeiro, Sr. Moacir Luciano Ferraz, com a uva ocorre o mesmo que com a manga, isto é, 90% da produção da região é exportada e os 10% restantes são processados e vendidos na própria região.⁵

Nos anos de 1994, 95 e 96 a média das exportações de uvas frescas na Bahia, segundo estudos da SEAGRI (1996), mante-se constante, em torno de U\$ 2,5 milhões.

A irrigação possibilita a produção de safras contínuas, e no caso da uva, além de uma produtividade de 29t/ha, obtém-se até três safras anuais. A uva produzida nessa região destina-se à Europa, São Paulo e ao próprio Estado da Bahia, onde uma pequena parcela é transformada em vinho na própria região.

⁵ Idem à nota nº 2.

Abaixo são apresentadas duas tabelas para a Microrregião de Juazeiro e para o Estado da Bahia, contendo a evolução da área colhida, da produção e da exportação de uvas dos anos de 1990 a 1999.⁶

Comparando as tabelas 3 e 4, pode-se constatar que todo incremento da área colhida com uvas no Estado da Bahia ocorreu apenas a partir da região de Juazeiro. Em 1990, a área colhida na região representava 89,3% da área total colhida no Estado; em 1999, esse percentual subiu para 91,72%.

No que se refere à produção, o mesmo pode ser constatado. Os incrementos ocorridos nesse aspecto foram experimentados, em sua maioria, pela região estudada. Quanto à produtividade, mesmo que seja considerada alta em relação à maioria das regiões produtoras, deve-se levar em conta que uma parte das parreiras da região ainda não alcançaram a maturidade.

No ano de 1997 os agricultores do Sub-Médio São Francisco venderam no mercado interno cerca de 60 mil toneladas de uva, movimentando em torno de R\$ 90 milhões; e venderam no mercado externo algo em torno de 10 mil toneladas, correspondente a uma quantia de US\$ 15 milhões. Sendo que o maior volume dessa fruta é produzido na microrregião de Juazeiro. (Produção, 27/01/98, p. D-1).

TABELA Nº 3

UVA		
Área colhida e produção na Microrregião de Juazeiro - 1990-99		
Ano	Área colhida (ha)	Produção (toneladas)

⁶ As informações do ano de 1999 foram obtidas até o mês de outubro e deve-se levar em consideração que o período de maior safra na região é de outubro a dezembro.

1990	467	14.010
1991	650	19.500
1992	1.498	44.940
1993	1.765	52.950
1994	1.825	54.750
1995	1.859	55.770
1996	2.032	60.960
1997*	2.100	63.000
1998*	2.125	63.750
1999*	2.359	70.770

Fonte: IBGE/PAM - Produção Agrícola Municipal

Elaboração: SPA/Coordenação de Conjuntura Agrícola - SEAGRI-BA

* **Dados sujeitos a retificação.**

TABELA Nº 4

UVA		
Área colhida e produção no Estado da Bahia - 1990-99		
Ano	Área colhida (ha)	Produção (toneladas)

1990	523	14.308
1991	706	20.048
1992	1.562	45.648
1993	1.866	54.414
1994	1.928	56.328
1995	2.042	59.326
1996	2.221	64.675
1997*	2.324	67.631
1998*	2.330	67.711
1999*	2.572	75.621

Fonte: IBGE/PAM - Produção Agrícola Municipal

Elaboração: SPA/Coordenação de Conjuntura Agrícola - SEAGRI-BA

* Dados sujeitos a retificação.

Nos primeiros nove meses de 1996, os principais importadores de uva baiana foram, por ordem de importância, os Países Baixos (70% das exportações), Reino Unido (15%) e Argentina (14%), além da República Dominicana e Alemanha. (Frutas, 1996).

Juazeiro ainda é o maior produtor baiano de melão. O melão produzido na região, contribuiu, no período de 1990/96, com uma produção média de 87% para o total da produção estadual.
(Idem)

Abaixo são apresentadas duas tabelas, uma para a região de Juazeiro⁷ e a outra para o Estado da Bahia, que mostram a evolução da área colhida, produção e exportação para o melão, nos anos de 1990 a 1996⁸.

Comparando os números das tabelas 5 e 6, verifica-se que a área colhida na região correspondia a 78,36% da área total colhida no Estado, em 1990. Em 1996, esse percentual passou a ser de 89,80%, demonstrando que o incremento no Estado da Bahia, em termos de área colhida, ocorreu apenas a partir da região de Juazeiro.

Na produção não foi diferente, a contribuição da região, que foi de 61,91% em 1990, saltou para 93,57%, em 1996. Diferentemente do que ocorreu com a uva e a manga, os incrementos de produtividade do melão ultrapassaram os incrementos de produção.

Juazeiro abastece, com esse produto, o mercado do Centro-Sul, demandante de uma qualidade superior. Porém, do volume de melão produzido nessa microrregião apenas 40% é destinado ao mercado externo, pois, apesar do consumo desse produto ter crescido muito, em termos de exportação, as exigências do mercado internacional ainda são muitas, no que se refere ao padrão de qualidade e variedades de oferta.

TABELA Nº 5

MELÃO		
Área colhida e produção na Microrregião de Juazeiro - 1990-96		
Ano	Área colhida (ha)	Produção (em mil frutos)
1990	920	4.784
1991	1.055	5.486

⁷ Idem à nota nº 4.

⁸ Idem à nota nº 3.

1992	1.645	12.820
1993	2.000	16.144
1994	2.200	17.743
1995	2.250	18.241
1996	2.300	18.751

Fonte: IBGE/PAM - Produção Agrícola Municipal

Elaboração: SPA/Coordenação de Conjuntura Agrícola - SEAGRI-BA

Segundo a PROMOEXPORT, mesmo não estando totalmente dentro dos padrões exigidos pelo mercado internacional, o melão brasileiro vem sendo aceito no mercado externo e experimenta aumento significativo no consumo interno. De janeiro a setembro de 1996, toda a exportação de melões frescos do Estado da Bahia, 40,7 toneladas, foi destinada ao Reino Unido.

TABELA Nº 6

MELÃO		
Área colhida e produção no Estado da Bahia - 1990-96		
Ano	Área colhida (ha)	Produção (em mil frutos)
1990	1.174	6.942

1991	1.315	7.314
1992	2.034	15.504
1993	2.337	18.988
1994	2.542	19.465
1995	2.492	19.456
1996	2.561	20.039

Fonte: IBGE/PAM - Produção Agrícola Municipal

Elaboração: SPA/Coordenação de Conjuntura Agrícola - SEAGRI-BA

Contudo, o maior centro importador do produto é a União Européia, que em 1992 importou 81% da produção nacional, além disso, desse período até hoje, o consumo de melão nos países da América do Norte e do Mercosul tem crescido.

O cultivo de outras frutas também tem se desenvolvido na Região com boas possibilidades de crescimento e inserção no mercado externo. A acerola é outra fruta cultivada por irrigação e sua cultura tem experimentado constantes aumentos de produtividade. Essa produção é destinada ao processamento (basicamente em Petrolina) e toda exportada para o Japão.

O estudo da SEAGRI afirma que, de janeiro a setembro de 1996, diversos países do mundo importaram também sucos de maracujá da Bahia, entre eles os Países Baixos (73%) e os Estados Unidos (14%). Além desses, outros importadores foram Israel, Porto rico, África do Sul, Taiwan (Formosa), Trindad e Tobago, Argentina e Paraguai. Nesse mesmo período, os sucos de goiaba foram vendidos aos Países Baixos, que adquiriram 81,9%, aos Estados Unidos, 17,6%, o restante foi importado pelo Paraguai. Apesar de Juazeiro não ser o maior

produtor de acerola, goiaba e maracujá, tem a possibilidade e as qualidades para sua produção. (Frutas, 1996).

Além dessas, outras frutas são cultivadas na região em padrões modernos, como a banana, o coco, a goiaba, o maracujá, todas na base de irrigação. Muitas destas frutas são vendidas *in natura*, mas uma parte considerável da produção de goiaba e maracujá é transformada em suco.

Para a comercialização dos produtos, os agricultores da região utilizam as cooperativas, como por exemplo, a Cooperativa Agrícola de Juazeiro (CAJ), que exporta uva e manga para a Europa; empresas especializadas em exportação, como a VALEXPOR, que exporta para vários países do mundo, e o próprio mercado local, em menor proporção.

Houve um bom desenvolvimento econômico para Juazeiro com as negociações das frutas cultivadas em áreas irrigadas. O movimento econômico em 1996 foi em torno de R\$ 180 milhões; em 1997, chegou a R\$ 460 milhões e, para o ano de 1998, a estimativa foi de chegar a R\$ 1 bilhão. (Paisagem, 16/03/98, p. 3).

Outros incrementos que contribuiram (e vêm contribuindo) para o crescimento do volume de produção e comercialização, são os projetos e programas desenvolvidos em parceria entre a iniciativa pública e privada, voltados para irrigação, produção e comercialização. Esses programas e projetos (implantados e em implantação) juntamente com as estratégias de produção e/ou comercialização (que serão abordadas no próximo capítulo) têm atraído capitais, por proporcionar à fruticultura da região vantagens competitivas, relativamente a outras regiões do país e até do mundo.

2.2 IRRIGAÇÃO/PROGRAMAS/PROJETOS

A fruticultura irrigada vem sendo apontada como a saída mais viável para o Semi-Árido Nordeste, que vem crescendo bastante nesta última década, em termos de área irrigada e

área plantada. Tem havido um interesse mais acentuado para essa região como a grande área promissora para a produção de frutas no país. O governo e a iniciativa privada estão buscando investir em programas e projetos que aumentem a área irrigada e, portanto, a produção, além de programas de promoção externa que visam tornar conhecidas as nossas frutas no mundo para que, assim, possam ser demandadas, cada vez mais.

A microrregião de Juazeiro, assim como todo o Vale do São Francisco contam com uma vantagem permanente em relação aos outros pólos do Nordeste - que é a extensão da área irrigada e as condições de uso estabelecidas por lei da área de irrigação pública.

A lei que instituiu a Política Nacional de Irrigação, em 1979, inicialmente só admitia a implantação de pequenas empresas, nas áreas irrigadas pelo setor público, e que, em conjunto, não ocupassem mais que 20% do perímetro irrigado; depois, essa concessão foi estendida, em caráter excepcional, para empresas de médio porte, desde que não ocupassem mais que 50%.

Segundo Ornelas (1997), o único pólo do Nordeste que teve sucesso foi o de Juazeiro/Petrolina, porque os primeiros projetos foram implantados antes dessa lei entrar em vigor. Esse fato apresenta-se como uma vantagem constante e exclusiva do Pólo Juazeiro/Petrolina.

Estudos desenvolvidos pela CPTSA (Centro de Pesquisa Agropecuária do Tópico do Semi-Árido), órgão da EMBRAPA, afirmam que, após comprovado o potencial do Semi-Árido nordestino para agricultura irrigada - apenas os quatro projetos de irrigação existentes em Juazeiro colheram 850 mil toneladas de produtos agrícolas em 1995. (A irrigação, 14/01/97, p. B-16).

A microrregião de Juazeiro conta com 36 mil hectares irrigados de frutas de diversas variedades, ocupando o primeiro lugar a manga (com 12.500 hectares plantados, seguida da uva (com 6.200 hectares). (Produtor, 27/09/99, p.2).

Estudo do BNB/ETENE (1994), afirmam que a maioria dos projetos agroindustriais do período de 1975 a 85 foram implantados nos Estados da Bahia e Pernambuco, em áreas de influência de perímetro irrigado (Petrolina/Juazeiro/Entre Rios), e o que é melhor: essas

unidades agroindustriais que foram atraídas pelos projetos de irrigação continuam em funcionamento até os dias atuais.

Mas os projetos de irrigação para essa região não pararam no período citado acima. A partir desse período (1985), o governo federal, juntamente com a iniciativa privada (Bancos, ONG, Órgãos externos), tem buscado implementar programas e projetos (não apenas de irrigação) que atraiam capitais, especialmente do Sul e Sudeste do país. Em seguida, são expostos alguns programas e projetos voltados para a irrigação, que beneficiaram direta e indiretamente a região de Juazeiro, principalmente o Proine, Curaçá, Maniçoba, Mandacarú e o Salitre.

Criado em 1986, o PROINE (Programa de Irrigação do Nordeste) teve como objetivo inicial impulsionar a irrigação no Nordeste, acelerar os projetos em fase de implantação, estimular projetos já existentes e estimular novos projetos, tanto em nível público quanto privado. Os principais projetos em funcionamento e em fase de implantação na região de Juazeiro, e que serão tratados neste capítulo, foram desenvolvidos a partir do PROINE.

A projeção desse programa, feita para cinco anos (91-95), previu um incremento da irrigação privada em torno de 114%, enquanto que o incremento previsto para a irrigação pública foi de 34%.

O mesmo estudo previu ainda um acréscimo de 75%, em cinco anos, da produção agrícola irrigada.

Essas previsões foram apresentadas em conjunto para os 14 pólos agrícolas do Nordeste, dentre eles o de Juazeiro/Petrolina, que ficou em primeiro lugar em tamanho da área irrigada pelo Programa. O total da área irrigada, em 1991, no Pólo Juazeiro/Petrolina, foi de 57.706 hectares, enquanto que o pólo classificado em segundo lugar - Baixo Médio Jaguaribe (Ceará), teve uma área irrigada de 21.882 hectares. (Holanda e Reis, 1994).

TABELA Nº 7

Principais Projetos de Irrigação em Juazeiro e situação de funcionamento - 1994						
Área em hectares						
Projetos	Municípios	Situação	Irrigável	Implantada	Colonos	Empresários
Curaçá	Juazeiro	Operação	4.435	4.435	266	15
Maniçoba	Juazeiro	Operação	4.317	4.317	232	53
Mandacarú	Juazeiro	Operação	438	438	51	1
Tourão	Juazeiro	Operação	10.454	10.454	32	34
Salitre	Juazeiro	Viabilização	32.000	-	-	-
Totais	-	-	51.644	19.644	581	103

Fonte: CODEVASF

Segundo dados da CODEVASF, existem, no Pólo Juazeiro/Petrolina, seis perímetros públicos de irrigação, cultivados principalmente com frutas. Na tabela abaixo, são apresentados os principais projetos de irrigação localizados em Juazeiro. Esses perímetros são conduzidos por 581 colonos e 103 empresários, sendo que quatro deles já estão em pleno funcionamento e um (Salitre) ainda encontra-se em fase de implantação.

A maior parte dos perímetros irrigados por esses projetos (Curaçá, Maniçoba, Mandacarú e Tourão) é cultivada com frutas - principalmente manga e uva. A sua implantação ocorreu no final da década passada, sobre uma área praticamente desértica e, pouco tempo depois, já

apresentavam excelentes resultados, com uma produção de 188 mil toneladas de manga (1995) e 70 mil toneladas de uva (1996). (www.gt-frutas.com.br)

Esses projetos atraíram a implantação de diversas unidades de processamento, que hoje dispõem de *packing house* com infra-estrutura avançada e utilizam processos de produção modernizados.

Empresas como a Frutonor, Nova Fronteira Agrícola e Curaçá Agrícola, que processam manga, e a CAJ e a Logus Boutiaque, que processam uva, estão implantadas sobre o Projeto Curaçá e dispõem de *packing houses* modernos, onde 90% do que é produzido é exportado.⁹

Sobre o perímetro irrigado pelo projeto Tourão estão implantadas as empresas Frutivale, que cultiva manga e uva, além de outras frutas; e a empresa Agrovale (Agroindústria do Vale do São Francisco), que processa cana-de-açúcar e manga¹⁰.

O governo federal autorizou também a implantação do Projeto Salitre, que tem como objetivo ampliar a área irrigada do Médio São Francisco em até 71%. Segundo Machado, o projeto prevê investimentos em torno de R\$ 463 milhões, que devem ser usados num período de 12 anos, numa área total de 29,6 mil hectares; e que vai beneficiar principalmente a fruticultura. Uma vez concluído o empreendimento, poderão ser produzidas, anualmente, 630 mil toneladas de produtos agrícolas, notadamente frutas. A primeira etapa, iniciada em 29/05/98, a ser executada pela CODEVASF, deverá estar concluída em 3 anos. (Machado, ago./1998, p. 9).

Essa primeira fase, que custará R\$ 62 milhões, já conta com R\$ 12 milhões assegurados. Está previsto pela CODEVASF a distribuição de 330 lotes entre 6 e 49 hectares, cuja metade será vendida a empresas através de licitação. A outra metade será distribuída entre os colonos da região, que serão selecionados previamente. Eles pagarão um financiamento ao longo de 50 anos.

⁹ Idem à nota nº 2.

¹⁰ É muito provável que sobre os perímetros irrigados pelos projetos de irrigação citados acima existam muitas outras empresas além das citadas nesse trabalho. Porém, aqui foram citadas apenas as empresas contactadas durante a pesquisa ou que foram relacionadas pelo Secretário da Agricultura de Juazeiro - Sr. Moacir Luciano Ferraz, como empresas implantadas nos perímetros.

O final do projeto está previsto para 12 anos, ou seja, em 2010; porém, já espera-se estar produzindo após oito anos da implantação. O projeto abrigará culturas perenes de uva, manga, limão, banana, acerola, goiaba e abacate, dentre outras culturas.

Após concluído, deverá demandar, ao longo de ano, entre 11mil e 20 mil empregos diretos (Oferta, 22-24/05/98, p. C-7). A região de Juazeiro está entre aquelas que compõem o perímetro que este projeto irrigará. Com certeza é um incremento que atrairá muitos capitais.

Para a região Nordeste, também foram elaborados e implantados muitos outros programas e projetos que não visam apenas a irrigação. A seguir, são apresentados alguns desses programas (Caravana da Fruta, Programa da Agroindústria do Nordeste, Procomex e Probahia), colocando suas principais características e benefícios para a região de Juazeiro.

O Caravana da Fruta é um projeto de integração nacional, idealizado pelo IBRAF – Instituto Brasileiro de Frutas, instituído em 1994.

Juazeiro foi uma das regiões escolhidas para a implantação da etapa-piloto do projeto juntamente com Livramento de Brumado, Camacan e Barreiras. O projeto pretendeu ressaltar o crescimento da fruticultura nacional e o agravamento dos problemas estruturais, apontando, como o maior problema, a inadequação do sistema de comercialização para escoamento da produção.

Segundo estudos feitos pela SEAGRI o Caravana da Fruta afirma, além desse problema, que o setor conta com diversas outras necessidades pós-colheita como adaptação tecnológica, capacitação empresarial técnica e de mão-de-obra, investimentos em infra-estrutura de *packing houses*, câmaras frias, máquinas de tratamento e seleção, armazéns, frigoríficos, equipamentos portuários, etc. Através desse programa foi possível constatar as dificuldades existentes nas regiões analisadas para que, a partir daí, fossem traçadas as melhores metas para solucioná-las. (Fruticultura, out./1996).

Um outro programa criado pelo governo federal em parceria com instituições e iniciativa privada foi o Programa da Agroindústria do Nordeste. Este programa tem o objetivo de apoiar e induzir a instalação de unidades agroindustriais na região, através de estratégias que tragam novas alternativas agrícolas, ampliação do mercado consumidor, criação de empregos, geração de maior valor agregado, além de identificar e influenciar a criação de novas culturas.

Os recursos destinados ao programa, foram oriundos do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste – FNE e do FINOR, além de outras fontes adicionais¹¹. Uma das áreas escolhidas para serem beneficiadas, numa primeira etapa, foi o pólo JuazeiroPetrolina. Com investimentos voltados para o segmento de processamento de frutas, além de outros segmentos.

O programa pretendeu beneficiar pequenas e médias empresas, não estabelecendo nenhum impedimento à extensão de benefícios a empresas de grande porte. Pretendeu ainda privilegiar a mobilização de empresários do Sul/Sudeste para essa região. Resultados já começaram a ser obtidos - como do Grupo Silvio Santos (ver capítulo 3, ponto 3.1, p. 35).

“Sem dúvida, essa participação é conveniente e importante, pois o desenvolvimento do Nordeste não pode depender só dos empresários da Região. Estes, porém, precisam participar ativamente desse desenvolvimento, e não devem ser estimulados somente com bases em incentivos fiscais e facilidades creditícias, mas também com assistência técnica e treinamento”. (Holanda e Reis, 1994, p. 58).

Os programas que visam elevar a competitividade do setor frutícola na região não partem apenas da parceria da iniciativa privada com o governo central, mas também com o governo estadual, que vem aumentando sua participação no desenvolvimento de todos os setores da economia.

Segundo Uderman, houve uma desconcentração dos investimentos. Antes, a maioria dos investimentos estatais se concentravam, proporcionalmente, na RMS (Região Metropolitana de Salvador); hoje, o percentual destinado à RMS fica em torno de 4,3%. “A indústria de frutas e hortaliças, cujo valor de investimentos previstos até 2004 atinge UU\$ 74,5 milhões, distribui-se espacialmente entre três regiões com maior potencial: Baixo e Médio São Francisco, Extremo Sul e Oeste.” (Uderman, p. 16, ago./1998).

¹¹ Como BNDES, BB, Banco Central, bancos privados nacionais e estrangeiros, sendo a operacionalização de responsabilidade do BNB.

Um programa que resulta da parceria entre Estado e iniciativa privada é o Probahia, voltado para incentivar os investimentos nos vários setores econômicos do Estado. Segundo Hust, que analisou, a partir desse programa, o perfil dos investimentos industriais na Bahia no período de 1992/96, o setor que mais investiu foi o de produtos alimentares, sendo que a cadeia de conservas vegetais, enlatados e **sucos** foi o segundo maior grupo de investimentos. “Esse grupo contabiliza investimentos no valor de U\$ 135 milhões, destinados à produção de hortaliças em conservas, **sucos, néctar e polpa de frutas**, óleos refinados, etc.” É mais um programa criado para desenvolver a produção industrial como um todo, mas que beneficia especialmente o setor processador de frutas a partir de investimentos em tecnologias, apoiando os órgãos de pesquisas. (Hust, mai/1997, p. 20).

Apesar de todo os incrementos e vantagens apresentadas neste capítulo, existem ainda muitas possibilidades de desenvolver ainda mais a fruticultura da região. No próximo capítulo são apresentadas essas possibilidades a partir de alguns pontos de destaque como as vantagens edafoclimáticas, as estratégias de produção e comercialização, os novos investimentos e a adequação ao padrão internacional. São apresentadas também as principais dificuldades para o setor frutícola na região e as possíveis soluções na busca de eliminar gargalos e expandir competitivamente o setor.

3 POSSIBILIDADES DE EXPANSÃO EM BASES COMPETITIVAS

A produção de frutas, principalmente uva, manga e melão, tem atraído investimentos que visualizam nesta região as possibilidades de melhor inserção nos mercados interno e externo de forma competitiva. Apenas para se ter uma idéia, nos últimos três anos, a região do Sub-Médio São Francisco conseguiu se tornar a maior produtora de uvas de mesa do Brasil, estando essa produção concentrada, em sua maioria, na microrregião de Juazeiro.

“Essa nova base exportadora competitiva está localizada no contexto da nova política regional de desenvolvimento que, ao mesmo tempo em que diversifica a produção amplia o mercado consumidor local, com o suprimento de novos produtos e distribuidores de bens saláris locais, positivamente sobre a geração de renda e emprego.” (Os novos, fev./97, p. 4).

A afirmação acima tem fundamento no que vem ocorrendo nesta última década na região de Juazeiro, e em todo Vale do São Francisco, no que diz respeito a estratégias de produção/diversificação e comercialização e às iniciativas públicas e privadas, que beneficiam a região e os quais vêm transformando-a numa região competitiva e atraente a capitais internos e externos, no que tange a fruticultura irrigada.

Neste capítulo, são abordadas as possibilidades de expansão da fruticultura na região de Juazeiro, a partir da apresentação das principais vantagens da região em termos edafoclimáticos, das estratégias adotadas para expandir a produção e a comercialização; o que está sendo feito na busca de adequar-se ao padrão internacional. São abordadas também as principais dificuldades enfrentadas pelos produtores e empresas da região e as sugestões para dirimir estas dificuldades.

3.1 CAPACIDADE DE EXPANSÃO

Uma das grandes vantagens permanentes apresentadas pela região de Juazeiro são as suas condições edafoclimáticas, consideradas excelentes para o desenvolvimento da fruticultura com a utilização de irrigação.

As vantagens naturais apresentadas pela região referem-se principalmente ao seu clima, que possibilita cuidados menos onerosos com a fruticultura e a possibilidades de safras contínuas que podem suprir os mercados de outras regiões nos períodos de entressafras desses.

Segundo a SEAGRI (Frutas, 1996), Juazeiro, assim como toda Região do Sub-Médio São Francisco, possui uma pluviosidade média anual de 450mm e uma umidade média relativa anual abaixo de 60%. Considerada, juntamente com outras regiões do Semi-Árido do Nordeste, como a mais propícia para a produção de frutas. Isso somado à vantagem de contar com, em média, 3.000 horas/ano de sol, propicia à região duas safras e meia por ano além de reduzir bastante os problemas com doenças fúngicas.

Em Juazeiro, assim como em todo Nordeste, se produz frutas durante o ano inteiro. A manga, por exemplo, é produzida de outubro a abril, período em que os mercados europeu, asiático e americano estão menos abastecidos. Essa capacidade, portanto, proporciona menor concorrência e maior possibilidade de penetração nesses mercados. (Frutas, 1996, p. 100). A uva em Juazeiro e por todo Baixo Médio São Francisco é produzida durante os doze meses do ano, único caso registrado no mundo inteiro.

O governo e a iniciativa privada estão aliando-se para transformar essa região (Semi-Árido do Nordeste) na chamada “Califórnia brasileira”. E têm motivos para acreditar na realização desse desejo. Existem diversas vantagens comparativas apresentadas pela região. Além do clima e da incidência de sol por quase todo o ano, o custo de um hectare irrigado no Nordeste brasileiro atinge US\$ 7 mil, enquanto nos vales chilenos chega a US\$ 15 mil. Esse fator tem sido motivo de atração para capitais de outras regiões e países. (Brasil, 31/03-06/04, p. 28). Esses são fatores que podem ajudar a expandir competitivamente a fruticultura da região.

Um outro fator são as estratégias adotadas para expandir a produção e também a comercialização. Dentre elas está a diversificação das espécies. Um exemplo do que vem ocorrendo no mundo quanto à espécie, refere-se às apirências (uvas sem sementes). A demanda dessa espécie vem aumentando acima da demanda de outras frutas e há previsão de que daqui a dez anos os Estados Unidos e a Europa não consumam mais uvas com sementes. O Chile já produz e exporta apirências, conseguindo um preço bastante superior em relação às espécies comuns.

No Brasil, o primeiro grande projeto de cultivo dessa espécie de uva está sendo desenvolvido pelo grupo francês Carrefour no pólo frutícola de Juazeiro/Petrolina. O grupo conta com três fazendas produtoras de uvas - uma em Juazeiro (Agropecuária Labrunier) e duas em Petrolina (Vale das Uvas e Orgânica do Vale). A empresa Orgânica do Vale conta com 140 hectares cultivados com apirências, dentro do conceito de agricultura orgânica, tendência que vem ganhando adeptos na região. A empresa vai começar a produzir em 2001 um volume estimado em 2,1 mil toneladas de uvas sem sementes e a pretensão é aumentar bastante a área cultivada.

Alcançando a qualidade pretendida na produção de apirências e unindo isto à vantagem que a região já apresenta de produzir uvas na entressafra de São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná, principais produtores desta fruta no país, e na entressafra de muitos países do mundo (inclusive o Chile), a competitividade da região será bastante grande, relativamente às demais regiões produtoras.

A tendência, não apenas do grupo Carrefour mas de todos os produtores da região, é a substituição gradativa de todo o plantio de uvas com sementes por apirências. Para tanto, os investimentos dos produtores de Juazeiro, no início de 1998, foi de R\$ 1,8 milhão. A prioridade é chegar a 1.000 hectares, pois até o ano de 1998, em Juazeiro, a área plantada com a espécie não ultrapassava 50 hectares.

A estratégia pretendida pelos produtores, após o aumento da área plantada, é concentrar sua produção para as colheitas nos meses de maio, junho, novembro e dezembro, quando há escassez de uva sem sementes em todo mundo. Aproveitando a vantagem de ser essa a única

região do mundo que pode programar a colheita para esse período. (Produção, 27/01/98, p. D-1).

Um outro plantio que está atraindo muitos investimentos no intuito de aumentar a produção é o de manga. Os produtores do pólo apostaram no ano de 1998 um aumento de 40% na área plantada. Também estão investindo em pesquisa e tecnologia.

As estratégias e os investimentos voltados para solucionar problemas de comercialização e aumentar as exportações vão desde a busca pela diversificação das espécies até programas dos governos federal e estadual em parceria com a iniciativa privada. Alguns desses programas têm buscado intensificar as exportações através de incentivos fiscais, outros, utilizam a estratégia de marketing externo para tornar populares as frutas tropicais, desconhecidas na maioria dos países da América do Norte e da Europa.

Um desses programas, criado em setembro de 1998, é o Programa de Promoção de Frutas do Brasil, dentro do Programa de Apoio e Desenvolvimento da Fruticultura Irrigada do Nordeste, gerenciado pelo Ministério da Agricultura e que conta com investimentos do Governo Federal da ordem de R\$ 8 milhões.

Após a comprovação, a partir de pesquisa encomendada pelo Ministério da Agricultura, de que pouquíssimos consumidores europeus já experimentaram alguma fruta tropical; por exemplo, não chega a 20% o número de pessoas que sabem o que é uma manga. (Fruticultores, 18/09/99, p. 4). O governo, junto com produtores da região semi-árida do Nordeste, buscou montar uma estratégia de promoção de frutas no exterior.

A estratégia de promoção adotada pelo Programa foi de colocar estandes de degustação no período de novembro de 1998 a final de janeiro de 1999 nos principais pontos turísticos, supermercados e lojas de departamentos das maiores cidades da França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos. Foi feita inclusive uma pesquisa prévia para escolher a logomarca que esses produtos levariam. Como a mais votada, foi escolhida a *grife* "Brazilian Fruit", destacada no centro da bandeira brasileira, cujo círculo foi substituído por uma fruta tropical.

Além dos estandes de degustação, que promovem, inicialmente, quatro variedades de frutas tropicais - a manga e a uva (produzidas no Vale do São Francisco), melão (Vale do Açu) e o mamão-papaia (Sul da Bahia), *in natura* e sucos., a promoção também contou com prospectos com receitas que utilizam os produtos e até concurso de rádio cujo prêmio final foi uma passagem para o Brasil, além da publicidade tradicional, basicamente em revistas dirigidas ao público feminino. A intenção é aumentar em 150% as exportações de frutas em cinco anos.

Além dessa estratégia, o programa prevê “O Dia da Fruta” nos hotéis brasileiros, para que o visitante estrangeiro conheça as variedades de frutas tropicais e possa cobrar a experiência quando retornar ao seu país.

Esse Programa desponta como um bom início para resolver um dos grandes problemas não apenas da região, mas de todo o país, que é a sua insignificante participação no mercado mundial de frutas, devido, em boa parte, à pouca popularidade das frutas tropicais entre os consumidores estrangeiros. (Fruta, 27-29/11/98, p. B-24).

O Programa de Apoio e Desenvolvimento da Fruticultura Irrigada do Nordeste, que foi lançado no ano de 1997 pelo governo federal e permitiu a criação de outros programas, apresenta três metas básicas: a) Promoção para despertar o público consumidor externo que pouco conhece as variedades de frutas/sucos tropicais; b) Reeducação do distribuidor (que, muitas vezes, não sabe armazenar e transportar adequadamente); e ensinar ao produtor - via seminários que já vêm sendo realizados em diversas regiões produtoras - a buscar a qualidade e o volume necessários à exportação.

Um outro programa, o PROCOMEX (Programa de Incentivo ao Comércio Exterior), desenvolvido em parceria entre o governo do Estado e a iniciativa privada, busca expandir competitivamente as exportações dos produtos baianos industrializados a partir de financiamento de impostos de importação para as novas indústrias que se instalarem no Estado. Apesar de ser um programa que pretende abranger os vários segmentos industriais, beneficia em particular o setor agroindustrial, pois é constatado que no Complexo Agroindustrial a política de interiorização do desenvolvimento já obtém resultados positivos, com destaque para a fruticultura.

Outras medidas que visam expandir competitivamente a fruticultura da região diz respeito à criação de empresas de comercialização. Para solucionar problemas de produção e, principalmente de comercialização, os produtores da região de Juazeiro juntamente com a Câmara Estadual da Fruticultura, fundaram este ano (1999) a Comanba (Cooperativa dos Produtores de Manga da Bahia), já citada no capítulo anterior e que fica localizada em Juazeiro.

Os produtores vinculados a essa cooperativa detêm 10% da área total destinada à manga no pólo de Juazeiro/Petrolina, cerca de 1.300 hectares, dos quais 80% estão em fase de produção. O objetivo da Cooperativa é abrir novos mercados , mas o alvo principal são os Estados Unidos - país que, em 1998, importou 200 mil toneladas de fruta, das quais apenas 7 mil foram fornecidas pela região aqui estudada.

A estratégia usada pelos cooperados foi, inicialmente, realizar um detalhado estudo sobre o mercado de manga no mundo para identificar o melhor período para comercializar, as exigências fitossanitárias que devem cumprir e os principais concorrentes. A partir daí iniciaram-se os investimentos, a compra de equipamentos para tratamento pós-colheita e embalagem e a previsão da montagem de um *packing house*, que vai demandar investimentos no total de R\$ 5 milhões. A pretensão da Cooperativa é colocar, inicialmente, 7 mil toneladas de manga nos Estados Unidos no período entre agosto e dezembro, época da entressafra do México. (Impasse, 19/10/99, p.3).

Uma outra medida estratégica que visa aumentar e facilitar a comercialização de frutas e derivados no pólo frutícola Juazeiro/Petrolina é a criação do SICVALE (Sistema Integrado de Comercialização do Vale do São Francisco), inaugurado em agosto deste ano. Este será um local onde os produtores (principalmente os de pequeno porte) poderão oferecer seus produtos em leilões *on line*, através da Internet. A intenção, com a implantação desse sistema, é transformá-lo no principal centro de comercialização de frutas do Vale do São Francisco. (Aeroporto, 08/06/99, p. B-20).

A criação da Cooperativa Comanba e do SICVALE devw diminuir em grande parte as dificuldades de comercialização que os pequenos e médios produtores da região encontram se agem isoladamente, como também deve facilitar a chegada aos produtores de informações sobre o que está ocorrendo no mercado mundial de frutas, tornando-os mais competitivos tanto no que se refere à produção quanto à comercialização. Além disso, a tendência, com o desenvolvimento desses dois sistemas, é que novos investimentos sejam feitos, não só por parte dos produtores locais, como também de empresas que tenham a intenção de entrar no ramo da fruticultura e visualizem nessa região a melhor opção de investimento.

Além dessa, uma outra medida está sendo implantada na País, desta vez com o intuito de diminuir custos - a substituição gradativa dos técnicos da Aphis (agência reguladora do Departamento da Agricultura dos Estados Unidos) na supervisão do processo produtivo (o que encarece bastante o preço de venda das frutas) por técnicos da Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura do Brasil. Para isso, a Aphis começa o treinamento de doze funcionários brasileiros até o final deste ano. (Impasse, 13/09/99, p. B-22).

Com a situação apresentada até aqui, em termos de vantagens edafoclimáticas, estratégias de produção e comercialização, programas de incentivos e criação de empresas de comercialização, a região tende a expandir-se competitivamente e a atrair investimentos, tanto de empresas já implantadas quanto de novos investidores. E isso pode ser constatado a partir de diversos exemplos de investimentos.

Segundo o diretor da fazenda Agropecuária Labrunier - Arnaldo Eijsink , após conhecer quase todas as regiões produtoras do mundo, o grupo concluiu que essa região é a melhor para a fruticultura. Por isso foram atraídos para este pólo no qual estão situados **todos** os negócios do grupo na área de agricultura. (Aeroporto, 08/06/99, p. B-20).

Um exemplo de que há uma crença por parte de grandes empresários de que essa região é competitiva e promissora é o investimento feito pelo Grupo Silvio Santos. Através do FINOR (Fundo de Investimento do Nordeste), o Grupo destinou 18% de seu imposto de renda, cerca de R\$ 3 milhões, para a FRUTIVITA, recebendo em troca do investimento 100% das ações preferenciais. A empresa, localizada na região, investiu R\$ 10 milhões e deve colher mil toneladas de uva e manga no ano 2000. (Aeroporto, 08/06/99, p. B-20).

A Frutivale, empresa que cultiva e processa manga e uva, além de outras frutas como limão, tangerina, investiu nos últimos dois anos na montagem de um *packing house* moderno e, segundo informações do administrador, Paulo Castro, a empresa acredita no potencial da região e no crescimento do mercado externo, por isso, no ano passado (1998) investiu em equipamentos e continua investindo em aumento da área cultivada, em tecnologia e tudo o mais que possa elevar a produtividade, a qualidade do produto e as vendas da empresa.

Uma outra empresa - Agrovale (Agroindústria do Vale do São Francisco) - que inicialmente tinha seu foco comercial numa usina de cana-de-açúcar e que hoje ainda é o seu carro-chefe, iniciou o plantio de manga nas fileiras de irrigação da cana, como opção de barreira de vento e arborização. A atividade, porém, tornou-se bastante rentável para a empresa, que já montou um *packing house* para processar a sua produção que, este ano (até outubro de 1999), está em torno de 2 toneladas, que são todas exportadas. A produção ainda é pequena, mas a área plantada e a produtividade crescem rapidamente, informa o técnico agrícola do *packing house* da empresa, Sr. Francisco Fernandes.

Além do que foi abordado até o momento, existem outras questões que devem ser levadas em consideração ao se falar de expansão competitiva. Uma dessas questões refere-se à adequação ao padrão internacional de qualidade, que será tratado no ponto seguinte.

3.2 ADEQUAÇÃO AO PADRÃO INTERNACIONAL

Existem muitas exigências que ainda são impostas pelos países importadores às frutas produzidas no Brasil. Algumas dessas exigências os produtores da região de Juazeiro já estão conseguindo atender, outras, no entanto, continuam sem solução no momento, mas há expectativas de que, em breve, consiga-se cumpri-las.

Dentre as exigências estão as questões fitossanitárias, como o controle de pragas e doenças, exigências para que o governo ateste a isenção de determinado tipo de bactéria. Contudo, essas exigências variam de país para país.

A União Européia exige apenas o certificado fitossanitário emitido pelo Ministério da Agricultura, Abastecimento e Reforma Agrária. Enquanto que o Japão e os Estados Unidos são bem mais exigentes no que se refere à importação de frutas frescas, incluindo no grupo das

pragas quartenárias a mosca-da-fruta, inseto amplamente encontrado nas áreas produtivas do Brasil, e exigem que as frutas brasileiras sejam tratadas previamente por algum método cientificamente aprovado pelos seus órgãos de defesa vegetal. Métodos esses que, para serem aplicados, necessitam de equipamentos específicos (em geral, muito caros), que são utilizados no tratamento pós-colheita.

Os Estados Unidos, por exemplo, exigem que toda manga importada passe por um processo de tratamento hidrotérmico (por imersão em água quente) para eliminação de larvas e ovos da mosca branca. Por sua vez, o Japão exige que as frutas passem por um processo de tratamento ainda mais sofisticado - o vapor treatment (tratamento à base de vaporização).

Em relação às exigências fitossanitárias impostas pelos Estados Unidos, a região de Juazeiro já conta com unidades que utilizam esse processo e este ano foi fundada a Cooperativa dos Produtores de Manga e Derivados do Estado da Bahia, que já está providenciando a aquisição de um equipamento capaz de realizar o tratamento térmico em 8 toneladas de manga por hora. (Impasse, 19/10/99, p. 3).

Além disso, até o final deste ano, o Serviço de Defesa Sanitária Animal e Vegetal (Aphis), agência reguladora do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, certificará mais seis unidades industriais de tratamento hidrotérmico de frutas produzidas no eixo Juazeiro-Petrolina. A previsão é de que essa certificação eleve ao dobro as vendas brasileiras de manga até setembro do ano 2000, além de levar o País à condição de segundo maior fornecedor de frutas dos Estados Unidos, atrás apenas do México.

Relativo à exigência colocada pelo Japão, ainda não existe solução imediata, mas a Comanba também pretende investir nesse tratamento futuramente, pois os produtores associados querem conquistar também o mercado Japonês.

Uma outra medida que vem sendo adotada, na busca do padrão exigido e que eleva a confiabilidade nos produtos da Região refere-se à produção integrada. Segundo Aderaldo de Souza Silva (Pesquisador da EMBRAPA), em Juazeiro/Petrolina é desenvolvido um processo

de produção integrada com a manga e a uva que só ocorre em mais um local do Brasil - no Sul, com as plantações de maçãs. Esse processo garante um controle fitossanitário maior e mais seguro e consiste no seguinte: na produção integrada toda cadeia é acompanhada e registrada. Com isso, caso ocorra algum tipo de reclamação, existe a possibilidade de, através do estudo de todo o histórico da fruta, solucionar o problema. (Produtor, 27/09/99, p.2).

Um outro tipo de exigência colocada para o alcance do padrão de qualidade internacional diz respeito à variedade. A manga, até o momento, é a única fruta que consegue alcançar quase que totalmente as exigências relativas à variedade. Um estudo da SEAGRI (Fruticultura, 1996, p. 46) coloca que a uva e a maçã também alcançaram um alto padrão e já não encontram nenhuma restrição à sua penetração no mercado norte-americano. Porém, pelo menos com a uva, não é exatamente assim. Tanto os Estados Unidos quanto os países da Europa (maiores consumidores de frutas brasileiras) têm colocado impedimentos à participação mais ativa desse produto nos seus mercados. O motivo para isso é o aumento no consumo de apirências (uvas sem sementes), cada vez mais demandada em relação às variedades comuns, sendo que o cultivo dessa espécie de uva ainda não é predominante na microrregião (e em todo o Brasil). Apesar de já existir em várias regiões do mundo, as experiências com essa cultura na microrregião tem apresentado um problema: não alcança um bom tamanho.

No entanto, uma das principais pesquisas que vêm sendo desenvolvida pelo CPATSA (EMBRAPA) é sobre as apirências. O centro continua testando diversas variedades e alguns produtores já estão animados com os resultados obtidos. (A irrigação, 14/01/97, p. B-16).

Uma outra fruta produzida na região e que também sofre exigências relativas à variedade é o melão. Apesar de já ter conseguido algumas melhoras significativas, contando com padronização quanto ao tamanho, qualidade e estabilidade na oferta, ainda não corresponde totalmente às exigências do mercado internacional.

Recentemente a EMBRAPA realizou num “Dia de Campo”, o resultado de um experimento com dezessete cultivares e híbridos de melão, onde está sendo observada a evolução dessas espécies (algumas de origem francesa e espanhola) sob o clima semi-árido, no que se refere a

rendimentos por hectare, peso médio do fruto, resistência a doenças e período de conservação. (Melão, 19/12/96, p.13). Outras experiências vêm sendo desenvolvidas pelos produtores com o apoio dos órgãos de pesquisa.

Um outro aspecto que se apresenta como um importante passo para se alcançar o padrão de qualidade exigido internacionalmente são as técnicas de produção e o desenvolvimento tecnológico experimentado pela Região nos últimos dez anos. Além da Região já contar com a vantagem de possuir um clima que ajuda no controle de pragas e doenças, a utilização da irrigação na fruticultura é considerada como uma experiência de sucesso em todo mundo. Os produtores da Região já vêm fazendo o uso de sementes melhoradas através de seleção, hibridação e cultura de tecidos. Também já há algum tempo vêm utilizando o processo de clonagem e técnica de indução da floração (bastante disseminada na fruticultura da região, especialmente na cultura de manga). E, mais recentemente, o uso de irradiação.

Está sendo instalada, no município de Juazeiro, uma empresa que utiliza a técnica de irradiação. Esse é um processo que consiste na aplicação, sobre os pomares, de raios gama (radiação eletromagnética com comprimento de onda muito semelhante ao raio X, utilizado em exames médicos). Essa técnica não altera o valor nutritivo dos alimentos, nem seu aroma ou textura. Após o processo, as frutas podem ser conservadas por até quatro meses, conforme a sua espécie.

Num estudo realizado pela SEI em 1998, comparando os Censos de 1985 e 1995/96, Pimenta e Reis constataram que, em Juazeiro, o uso de insumos cresceu 64,4%, a utilização de calcário e corretivos teve 240% de aumento, e o incremento no controle de pragas e doenças foi de 44%. Porém, isso só se torna significativo quando comparado com outras regiões do Estado. “Quando relativizamos os dados por área total, verifica-se que Juazeiro registrou o maior incremento, 246%, seguido pela região Oeste, com 184,8%, e Irecê, com 167%.” (Pimenta e Reis, p.23, ago./1998).

Os órgão de pesquisa , juntamente com os produtores da Região, estão incessantemente buscando desenvolver técnicas de produção que elevem a produtividade e a qualidade das

culturas desenvolvidas em todo o Estado, de forma a alcançar satisfatoriamente o padrão exigido pelo mercado internacional, e estão conseguindo resultados positivos.

Contudo, nem tudo “são flores”. Existem diversas dificuldades que se apresentam ao desenvolvimento competitivo da fruticultura na Região, abaixo são colocadas algumas dessas dificuldades e, também, algumas sugestões no intuito de extingui-las.

3.3 EXISTEM “GARGALOS” - MAS PODEM SER ELIMINADOS

Apesar de todas as vantagens, incrementos e medidas positivas apresentadas até aqui, existem muitas aspectos que dificultam a expansão competitiva da fruticultura na Região.

Um dos maiores “gargalos” apresentados para a região diz respeito à origem do pequeno produtor. A maioria dos pequenos produtores que recebem lotes nos projetos de irrigação imigram de regiões de sequeiro e não têm nenhum conhecimento das técnicas de produção sob o regime de irrigação. Além disso, geralmente, não dispõem de recursos para investirem em sementes melhoradas, cursos especializados, contratação de técnicos, enfim, tudo que se faz necessário à produção em nível de qualidade elevado.

Mesmo aqueles produtores que conseguem uma produção qualificada, encontram muitas dificuldades na comercialização, especialmente na inserção no mercado, devido às exigências impostas no comércio internacional – como tratamentos pós-colheita e embalagem .

As empresas de processamento, principalmente as de médio e pequeno porte, também apresentam dificuldades. Uma dessas dificuldades refere-se ao volume de produção próprio que, muitas vezes, não corresponde à demanda. Por exemplo, em determinados períodos, a demanda supera o volume produzido e as empresas precisam buscar a complementação no mercado. É aí que ocorrem os problemas, pois, normalmente, o padrão ofertado no mercado não satisfaz ao exigido; e ainda existe a questão do preço, que oscila muito nesses casos.

Uma das alternativas, que pode ajudar a resolver os problemas dos pequenos produtores, em relação ao apoio técnico e à comercialização e , ao mesmo tempo, resolver o problema das empresas, em relação ao abastecimento, é a utilização do sistema de quase-integração.

Esse sistema, já desenvolvido em algumas localidades do Estado, como na microrregião Sul, nas lavouras de cacau, “envolve a produção conjunta de produtores e fornecedores, sem que se estabeleça a propriedade unificada do capital. Trata-se de uma verticalização contratual de longo prazo, que vincula a produção primária ao processamento industrial, garantindo o fornecimento regular de matérias-primas de qualidade”. (Izerrougene, 1995, p.144, nota de rodapé nº 31). Segundo o próprio Izerrougene, esse tipo de integração se constitui numa das estratégias mais exitosas do sistema de parceria.

Do ponto de vista da empresa, essa conexão garante uma certa regularidade no volume de bens primários, um nível de qualidade dentro dos padrões exigidos e também uma estabilidade relativa de preços, dentre outras vantagens de importância menor como custos com terras (dado que as áreas de irrigação pública são destinadas, preferencialmente, ao uso de pequenos e médios agricultores), custos com funcionários próprios, etc.

Para o pequeno produtor, esse sistema oferece um mercado de escoamento próximo e relativamente seguro, com redução das margens de risco (inerentes ao mercado). Esse produtor, produzindo dentro dos padrões técnicos exigidos pelas indústrias, recebem dessas apoio técnico, condições de produção em bases mais modernas e eficientes e, na maioria das vezes, financiamento da produção.

Essa interconexão dá-se através de contratos formais, reconhecidos juridicamente, com cláusulas de negociação pré-estabelecidas.

Segundo Uderman, esse modelo de quase-integração é mais utilizado pelas empresas de grande porte, contudo, “pequenas unidades processadoras têm procurado adotá-lo, limitando o número de contratos firmados às suas escalas de produção, às necessidades específicas dos seus processos e mercados e às possibilidades de estabelecer contrapartidas à garantia de fornecimento de matérias-primas”. (Uderman, 1994, p. 76).

Uma outra sugestão que, provavelmente, vai solucionar os problemas dos pequenos produtores e impulsionar o desenvolvimento competitivo da região, minorando problemas não apenas de produção e comercialização, mas também problemas sociais graves que decorrem disso, é o

estímulo, por parte da iniciativa pública ao agrupamento entre os produtores. Ou seja, a formação de cooperativas e associações, que ocorreriam com o apoio do governo (federal ou, melhor, estadual e municipal). Já existem experiências satisfatórias nessa área, a exemplo da CAJ e, mais recentemente, da Comanba.

Deve haver, por parte da iniciativa pública, mais incentivos no sentido de estimular a instalação de unidades processadoras, que absorveriam parte da produção local, ajudando a resolver problemas de comercialização.

Uma outra dificuldade, apresentada na microregião, refere-se ao desenvolvimento tecnológico e aos investimentos em pesquisa científica. Isso ocorre porque alguns empresários acreditam que investimento em P&D é uma responsabilidade do Estado e não se interessam em investir na montagem de laboratórios próprios, que desenvolvam pesquisas para melhoria de qualidade e produtividade.

Apesar de, ao longo deste trabalho, ter-se falado que a região conta com um bom desenvolvimento em termos tecnológicos (este desenvolvimento se aplica basicamente para frutas como a manga, a uva e, em menor proporção, o melão), porém, muitos produtores da Região cultivam outras frutas tradicionais, necessitando inserir-se competitivamente no mercado.

Como alternativa de sanar os problemas tecnológicos do pequeno produtor é necessário, sem dúvida, a intervenção do Estado, a partir do apoio aos órgãos de pesquisa tecnológica e de incentivo no intuito de promover a integração do pequeno produtor com esses órgãos. Além disso, e mais uma vez a partir do apoio e incentivo da iniciativa pública, conscientizar os empresários locais da necessidade de se investir em pesquisa tecnológica. É certo que os investimentos nessa área, normalmente, são muito onerosos, mas, ainda sob esse aspecto, não deve-se deixar a cargo apenas do Estado a responsabilidade de investir em P&D. Este deve ter a responsabilidade de apoiar e financiar as empresas privadas.

Existem, com certeza, muitas outras dificuldades enfrentadas pela região, mas que não serão tratadas neste trabalho. Contudo, se as dificuldades apresentadas aqui forem sanadas, já será um grande passo para que se alcance realmente um padrão competitivo de inserção no mercado internacional.

Existe um outro “gargalo” que deve ser apresentado e para o qual não são apresentadas, neste trabalho, nenhuma solução; mas, ainda assim, é muito importante que este problema seja citado. Com relação a todas as vantagens apresentadas pela agricultura irrigada, deve-se observar que existem conseqüências ambientais limitantes ao uso da irrigação, os benefícios econômicos são muitos, porém os prejuízos ambientais também o são quase na mesma proporção. É certo que o uso da irrigação não pode ocorrer por tempo indeterminado, pois existem problemas sérios de desgaste dos solos, que resultam do uso prolongado desse sistema. Mas, isto é apenas um alerta, pois a questão ambiental, apesar de muito importante não é tema da investigação deste trabalho. Talvez, em uma outra oportunidade, o autor possa se aprofundar mais no assunto, colocando outras limitações ambientais e, melhor ainda, alternativas que ajudem a resolver essas limitações.

5 CONCLUSÃO

Para o Semi-Árido do Nordeste, que já está sendo chamado de “nova Califórnia”, as perspectivas das frutas tropicais no mercado internacional são amplas. Apesar da fruticultura, em todo país, viver em altos e baixos ano a ano, o mercado mundial está aberto, crescendo, esperando apenas uma boa estratégia de inserção das nossas variedades de frutas/sucos.

Apenas para se ter uma idéia, no ano de 1996, o mundo comprou US\$ 17,4 bilhões de frutas de climas temperados, enquanto que as frutas tropicais venderam US\$ 1,6 bilhão. O interessante é notar que, com o investimento em fruticultura irrigada, gerenciamento, organização da produção, pesquisa e desenvolvimento tecnológico, promoção e marketing, dentre outras necessidades, é possível levar as frutas tropicais ao patamar das frutas de climas temperados. Espera-se que isso possa ser alcançado em apenas dez anos (Brasil, 31/03-06/04/97, p. 28).

Nesse contexto, a microrregião de Juazeiro aparece como uma das mais promissoras, isto é, as perspectivas para essa região, a partir do que pretendem os planos do governo e a vontade da iniciativa privada, são muito boas. Nas entrevistas feitas¹² as perspectivas apresentadas pelos entrevistados foram as melhores possíveis. As empresas estão investindo em tecnologia, compra de equipamentos, cursos, montagem e melhoria de *packing house*; os produtores estão formando associações e cooperativas, com o apoio da iniciativa pública; novas organizações estão sendo criadas.

O governo federal vem demonstrando um maior interesse na união com a iniciativa privada com o objetivo de elevar o Brasil a primeiro no *ranking* nas exportações de frutas.

Os projetos e programas elaborados nesse intuito, principalmente nessa década, como o Programa de Irrigação do Nordeste, o Programa da Agroindústria do Nordeste e muitos outros já citados neste trabalho, pelo menos no que tange às suas características, demonstram que as perspectivas futuras para a fruticultura irrigada do Nordeste, da qual a microrregião de Juazeiro é uma das principais representantes, são boas.

Todos esses programas e projetos visam, além do aumento da área irrigada e da produção, atrair capitais de outras regiões e países, desenvolver tecnologicamente a região, munir o produtor rural local de técnicas competitivas, para que também melhore a qualidade dos frutos produzidos e, com o apoio do marketing feito no exterior, aumentar o volume das exportações, não apenas das frutas *in natura*, como também de seus derivados - sucos, geléias, doces e polpas.

¹² Ver nas referências bibliográficas: “Pessoas entrevistadas”.

A região de Juazeiro é considerada uma região com grande potencial, pois conta com todas as vantagens climáticas e estruturais do Nordeste e está sendo diretamente afetada por qualquer programa que beneficie a região. As possibilidades de crescimento da produção e das exportações são visíveis e reais para áreas irrigadas que contam com padrão de qualidade e nível técnico elevados.

Contudo, a área irrigada em Juazeiro corresponde a apenas 20% de toda área geográfica do município, grande parte de sua lavoura ainda se desenvolve sob regime de sequeiro e tem que estar exposta às ocorrências naturais. Os projetos de irrigação nessa região ainda não são suficientes, principalmente se se observar que grande parte da população rural, em períodos de seca, migra das áreas de sequeiro para as áreas irrigadas. E esses perímetros irrigados não são suficientes para absorver todo esse contingente.

Existem ainda, mesmo em áreas irrigadas, as dificuldades com escoamento; faltam estudos de mercado e campanhas de marketing e, como já foi colocado neste trabalho, existem muitas dificuldades relativas ao apoio técnico para os pequenos produtores; incentivo e apoio à comercialização/ investimentos em P&D e a questão da manutenção ininterrupta do uso de irrigação.

Mas ainda falta muito para que essa seja a região dos sonhos, especialmente para os pequenos agricultores rurais, que normalmente produzem dentro daquilo que aprenderam ao longo dos anos na vivência da agricultura familiar e não têm nenhuma técnica empresarial. A maioria deles ainda vê a terra como fonte de sustento imediato, não como um grande negócio. Por esse motivo, precisam muito do apoio técnico e do incentivo do Estado.

Não basta dar para estes agricultores um lote irrigado e deixá-los perdidos nas formas de produzir e também de comercializar. Há que promover a integração com a indústria local, ou mesmo entre eles próprios na formação de cooperativas e associações, o que tem sido feito, mas ainda os resultados são poucos frente às necessidades.

Enfim, o que foi apresentado nos capítulos anteriores objetivou demonstrar o potencial competitivo da região de Juazeiro a partir do desenvolvimento da fruticultura irrigada, e muito do que foi dito afirmou a existência desse potencial.

Referências Bibliográficas:

AEROPORTO de Petrolina facilita exportação. *Gazeta Mercantil - Agribusiness*, p. B-20, 08/06/99.

AGÊNCIA norte-americana certifica indústrias do Nordeste. *Gazeta Mercantil - agribusiness*, p. B-22, 13/09/99.

ANTÁRTICA prepara-se para a disputa. *Gazeta Mercantil*, p. B-20, 20/08/98.

A ATUAÇÃO do Estado no setor agroindustrial. *Conjuntura & Planejamento*. Salvador: CEI, n.3, ago./1994.

BRASIL quer ser o maior exportador de frutas. *Gazeta Mercantil - Latino-Americana*, p. 28, 31/03-06/04/99.

CARVALHO JR., César Vaz de. Agropecuária na Bahia segundo os Censos de 1985 e de 1995/96. *Conjuntura & Planejamento*. Salvador: SEI, v.1, n.52, set./1998. (Edição Especial).

OS “CLUSTERES” e o desenvolvimento regional. *Folha de São Paulo*, seção artigo, p. 8, 15/09/98.

COUTO FILHO, Vitor Athayde. Tendências da ocupação da mão-de-obra em atividades primárias na Bahia. *Conjuntura & Planejamento*. Salvador: SEI, v.1, n.52, p. 24-30, set./1998.

CRESCIMENTO econômico, empregos e renda metas do programa do governo FHC até 2002. *Folha de São Paulo*, p. 9, 04/09/98.

ESTAMOS no caroço. *Exame*, p. 29, 12/03/97.

FRUTAS: a caminho de um grande mercado. *CER* Salvador: SEAGRI, 1996. (Série Alternativas de Investimento,3).

FRUTA brasileira cria grife para sair do anonimato. *Gazeta Mercantil - Agribusiness*, p. B-24, 27-29/11/98.

FRUTAS viajam em 'reefers'. *Gazeta da Bahia*, p. 3, 16-17/10/99.

FRUTAS e sucos atraem investimentos. *Gazeta Mercantil - Agribusiness*, p. B-20, 20/08/98.

FRUTICULTURA atrai investidores para o Semi-Árido. *Gazeta Mercantil - Agribusiness*, p. B-20, 08/06/99.

FRUTICULTURA a vez do mercado. *Bahia Agrícola*. Salvador: SEAGRI, v.1, n. 2, out./1996.

FRUTICULTURA empregará 30 mil durante este ano. *A Tarde Rural*, p. 2, 12/03/98.

FRUTICULTURA sobrevive em Juazeiro graças à irrigação. *Gazeta Mercantil - Regional Nordeste*, p. 1, 12/05/98.

FRUTICULTORES atraem os consumidores da Europa. *Gazeta Mercantil - Regional Nordeste*, p. 4, 18/09/98.

HOLANDA, Antônio N. C., REIS, Z. S. *Estudos sobre a agroindústria no Nordeste: diretrizes para fomento da agroindústria alimentar no Nordeste*. Fortaleza, Secretaria Nacional de Irrigação. BNB/ETENE, 1994, v.8. (BNB Estudos Econômicos e Sociais, 53).

HUST, Marlene Araújo. Investimentos industriais na Bahia. *Conjuntura & Planejamento*. Salvador: SEI, n. 36, p. 18-21, mai./1997.

IMPASSE na produção de manga. *Relatório Gazeta Mercantil*, p. 3, 19/10/99.

A IRRIGAÇÃO avança no Nordeste. *Gazeta Mercantil - Agribusiness*, p. B-16, 14/01/97.

- IRRIGAR no Semi-árido. *Bahia Agrícola*. Salvador: SEAGRI, v.1, n.1, 1996.
- IZERROUGENE, Bouzid. Complexo agroindustrial. In: *Industrialização na Bahia: construindo uma nova estratégia*. Salvador: FIEB, 1995.
- KAGEYAMA, Ângela (coord.). O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: DELGADO et alii. (org.). *Agricultura e políticas públicas*. Brasília: IPEA, 1990. Série IPEA, 127.
- MACHADO, Gustavo. Agricultura em 1998: desempenho e expectativas. *Conjuntura & Planejamento*. Salvador: SEI, n.51, p. 7-11, ago./1998.
- MELÃO híbrido apresenta produção 100% superior. *A Tarde Rural*, p. 12, 19/12/96.
- MERCADO de sucos cresce. *Gazeta Mercantil*, p. 1, 12/05/98.
- NOTA INTRODUTÓRIA. *Conjuntura e Planejamento*. Salvador: SEI, n.52, p. 1 e 2, set./1998. (Edição Especial).
- OS NOVOS investimentos na Bahia e o planejamento. *Conjuntura & Planejamento*. Salvador: SEI, n.33, p. 3-5, fev./1997.
- OFERTA de frutas cresce 71% no Nordeste. *Gazeta Mercantil - Agribusiness*, p. C-7, 22-24/05/98.
- ORNELAS, Waldeck. A irrigação e o Nordeste. *Conjuntura & Planejamento*. Salvador: SEI, n.32, p. 7-8, jan./1997.
- PAISAGEM seca cede lugar para o colorido. *Relatório Gazeta Mercantil*, p. 3, 16/03/98.
- PIMENTA, A. C. R., REIS, Frederico S. dos. O desenvolvimento tecnológico do setor primário Baiano. *Conjuntura & Planejamento*. Salvador: SEI, n.52, p. 18-23, ago./1998. (Edição Especial).
- PRODUTOR quer apoio para exportar manga. *A Tarde Rural*, p.2, 27/09/99.

PROJETO de fruticultura atrai empresário alemão. *Gazeta Mercantil* - Agribusiness, p. C-7, 26-28/09/98.

PRODUÇÃO de manga deve dar um salto este ano. *Gazeta Mercantil* - Regional Nordeste, p. D-1, 27/01/98.

PRODUTOR divulga manga na Europa. *Gazeta Mercantil* - Agribusiness, p. B-15, 04-07/10/96.

SANTOS, Telma M. S dos. *Territorialidade da Indústria de Alimentos Parmalat em Feira de Santana-BA*. Salvador: Instituto de Geociências/UFBA, 1999. (Dissertação de Mestrado).

TER sorte na vida dá trabalho. *Gazeta Mercantil* - Nacional, p. A-7, 18/08/98.

UDERMAN, Simone. *A agroindústria processadora de frutas e hortaliças no Estado da Bahia*. Salvador: CPE, 1994.

UDERMAN, Simone, MENEZES, Vladson. A espacialização da indústria na Bahia. *Conjuntura & Planejamento*. Salvador: SEI, n.36, p. 14-17, mai./1997.

UVA sem sementes projeta o nordeste no exterior. *Gazeta Mercantil* - Regional Nordeste, p. D-1, 27/01/98.

VIEIRA, Ribeiro L. M. Desempenho do Comércio Exterior 1º semestre de 1998. *Conjuntura & Planejamento*. Salvador: SEI, n.51, p.12-13, ago./1998.

SITES VISITADOS:

www.folha.com.br (Folha de São Paulo)

www.gt-frutas.com.br (Frutas no Nordeste/Programa de Irrigação do Nordeste)

www.juazeiro.net (Prefeitura de Juazeiro)

PESSOAS ENTREVISTADAS:

Francisco Fernandes - Técnico Agrícola do *packing house* da AGROVALE, localizada em Juazeiro.

Data da entrevista - 12/11/99.

Moacir Luciano Ferraz - Secretário da Agricultura do Município de Juazeiro.

Data da entrevista - 11 e 12/11/99.

Paulo Castro - Administrador da empresa FRUTIVALE, localizada em Juazeiro.

Data da entrevista - 16/11/99.